

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JAKELINE REGINA SCHMIDT SANTOS

HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA DAS DONAS DE CASA DO JARDIM GOIÁS

I

GOIÂNIA
2016

JAKELINE REGINA SCHMIDT SANTOS

HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA DAS DONAS DE CASA DO JARDIM GOIÁS

I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Orientador (a): Prof^aDr^a Andrea Pereira dos Santos

GOIÂNIA

2016

Santos, Jakeline Regina Schmidt.

S231p História das práticas de leitura das donas de casa do Jardim Goiás I. [manuscrito] / Jakeline Regina Schmidt Santos. – 2016.
47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, Goiânia, 2016.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Andréa Pereira dos Santos

1. Leitura. 2. Práticas de Leitura. 3. Mulheres. 4.
Donas de casa.

CDU: 028-055.2

JAKELINE REGINA SCHMIDT SANTOS

PRÁTICAS DE LEITURA DAS DONAS DE CASA DO JARDIM GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^aDr.^a Andréa Pereira dos Santos - UFG
Orientador (a)

Filipe Reis Dias de Jesus
Mestrando em Comunicação, Mídia e Cidadania – UFG

Dedico este trabalho aos meus pais, Eugênio Jacob Schmidt e Ella Beck Schmidt (*in memoriam*), que me ensinaram a dar valor às coisas simples, ser honesta e humilde.

Ao meu querido esposo, companheiro e amigo, Jarbas, pelo incentivo e apoio nesta caminhada para concretização deste sonho. Aos meus filhos Natália e Vinícius, que são a razão do meu viver que sempre estão ao meu lado, me incentivando, me apoiando, me direcionando.

As minhas irmãs Alita, Alicia, Marli, e Loraine, pelas orações e inúmeras ligações telefônicas com palavras de incentivo e apoio. A todos meus sobrinhos e sobrinhas pelo carinho e encorajamento sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pois graças a Ele eu estou aqui. Agradeço minha querida filha que muitas e muitas vezes teve que fazer o almoço e organizar a casa para que a mãe pudesse dedicar-se aos estudos. Agradeço também ao meu esposo pelas muitas e muitas orações, meu filho Vinícius, meu confidente, amigo, nos momentos mais difíceis me incentivou, me puxou, me empurrou, mostrou-me o caminho mais certo não medindo esforços para ajudar-me neste trabalho final, com orientações e sua namorada Ana Lídia que auxiliou-me muito também.

Minha eterna gratidão aos colegas Ana Maria Passos, Ana Maria Gonçalves, Vitor, Roziane, Ivone, Marina, Daiane, Marluce, Camila, Cleiton, Rute, Adriely, Tainá, Thais Gabrielly, pelos momentos vividos na faculdade. Agradeço minha amiga Grezieli pela normalização do trabalho e a irmã dela, Thaís Borges, pela ajuda na revisão de português. Agradeço a todos os professores do curso de biblioteconomia 2012 que sempre me incentivaram, principalmente à professora Andrea que com sua paciência, orientou-me sem medir esforços.

Infinita gratidão às donas de casa do Jardim Goiás I que colaboraram neste estudo.

PRAZER DE LER

*Mais do que palavras, ler é saborear histórias tristes e belas, cenários de encantar mais
do que ciência, ler é experimentar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é não ter medo, ler é liberdade,
Ler é ser honrado, ser nobre, ser elevado
Ler é viajar, por terra, por rio e mar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é ser capaz, ler é ser audaz
Ler é arriscado, por isso tem cuidado
Ler é vaguear de dia ou ao luar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler
Ler é mais que tudo o que possas imaginar
Ler é ser alguém, alguém que tem para dar
Dar e receber, dar para viver
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler*

Eliseu Alves

RESUMO

Com o propósito de relatar sobre a leitura e as práticas de leitura praticadas pelas donas de casa do bairro Jardim Goiás I, em Goiânia-GO. Além de apresentar conceitos sobre leitura, história da leitura no Brasil, prática de leitura e outros, este trabalho buscou conhecer e analisar as memórias sobre leituras das donas de casa, investigar se elas demonstram ter a prática de leitura em sua história de vida, conhecer os tipos de leitura praticados por elas, entender como se dá o acesso à leitura dessas donas de casa, descrever o processo de concepção das práticas de leitura vividas e compreender a importância e o impacto que as práticas de leitura têm deixado nos mais diversos momentos de suas vidas. Utilizando os objetivos acima citados, foi constatado que as donas de casa possuem o hábito da prática de leitura e que isso interfere de forma positiva para o convívio familiar da qual elas pertencem, cumprindo o propósito apresentado nesta pesquisa.

Palavras-chave: Leitura. Práticas de leitura. Mulheres. Donas de casa.

ABSTRACT

With the purpose of describing the reading practices of housewives residing on Jardim Goiás, a neighbourhood in the city of Goiânia, state of Goiás. Beyond presenting concepts of reading, history of reading in Brazil and reading practices, this research sought to know and analyse the memories these housewives had about reading, and investigating if they show to have reading practices within their lives. The types of reading practiced by them were also analysed, among with understanding how was their access to reading, the formation process of these habits, also understanding the significance and impact the practice of reading has had on different moments of their lives. Within the goals listed above, it has been confirmed that the housewives have reading practices and that this interferes in a positive way on their family lives, achieving the purpose of this research.

Keywords: Reading. Reading practices. Women. Housewives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Informações sobre as entrevistadas no grupo focal.....	29
--------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LEITURA: CONCEPÇÃO HISTÓRICA, TEÓRICA E CONCEITUAL	14
2.1 História das práticas de leitura	14
2.1.1 História da Leitura no Brasil.....	16
2.2 Conceitos de leitura: para além do ato de decifrar signos	19
3 METODOLOGIA	22
3.1 Por um método qualitativo: grupos focais	22
3.2 Grupos focais: conceito e definições	23
4 HISTÓRIA DO JARDIM GOIÁS	25
5 AS DONAS DE CASA DO JARDIM GOIÁS: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE LEITURA	29
5.1 Relato sobre o grupo focal.....	30
5.2 Histórias das donas de casas do Jardim Goiás I.....	31
5.3 As donas de casa do Jardim Goiás I e seu acesso aos bens culturais.....	32
5.4 Percepção das donas de casa do Jardim Goiás sobre a leitura.....	35
5.5 Acesso às bibliotecas em Goiânia.....	37
5.6 As donas de casa do Jardim Goiás e as redes sociais.....	38
6. MULHERES, HISTÓRIAS E LEITURAS	40
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXO	46

1 INTRODUÇÃO

A mulher, em especial a dona de casa, é exigida pelo trabalho do lar e cuidados com os filhos. Analisar a relação dessas mulheres com o hábito de ler, permite ter uma visão mais profunda e próxima da rotina de pessoas que, normalmente, são feitas invisíveis para a sociedade. Por causa de seu gênero, classe social e escolaridade, o senso comum é cruel ao classificá-las como não-leitoras. Pode-se observar que somente a partir do Iluminismo, no século XVIII, as mulheres puderam ganhar algum espaço dentro do aspecto da leitura. Desde então, as mulheres evoluíram e foram aprimorando cada vez mais a prática da leitura, conforme lhe era permitido.

A era do Iluminismo, na tentativa de reformar a sociedade, estimulou os progressos na direção da alfabetização no mundo ocidental criando um número novo de leitores, nos quais as mulheres foram incluídas: elas que, até então estavam relegadas, em sua maioria, ao plano de ouvintes das leituras dos homens e do Clero. Porém ganharam permissão de apreciar apenas os textos passados pelo crivo destes mesmos senhores. (DUMONT; SANTO, 2007, p. 29)

No século XIX, a leitura feminina ganhou características que ao ver das pessoas, era algo próprio da mulher, conforme Dumont e Santo (2007, p.31) afirmam nessa passagem “[...] o romance do século XIX acabou associando a leitura feminina às características tidas como naturais da mulher como sensibilidade, irracionalidade e emoção, impondo o amor como ingrediente constitutivo, e essencial, da identidade feminina.” Assim, a mulher, no âmbito da leitura, passou a ser considerada como uma pessoa que somente acreditava e pensava no lúdico, no amor, e que não possuía qualquer senso crítico para participar da leitura de outros assuntos.

A razão não se funda apenas na crença de que elas eram incapazes de aprofundar em outros assuntos. Era este “tema” que recebia investimentos por parte de autores e editores, que seguiam a expectativa que se tinha em relação às mulheres. A instituição social determinava que a relação do público feminino com o texto fosse simplista e simplória. (DUMONT; SANTO, 2007, p. 35).

Segundo Chartier (1999, p.91) “[...] cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma

comunidade.” Atualmente, a leitura está difundida em todos os aspectos da sociedade, tanto para homens como para mulheres.

A proposta deste estudo é averiguar as práticas de leitura das donas de casa moradoras do Jardim Goiás I. O interesse em pesquisar sobre essas mulheres surgiu a partir da percepção de como a prática de leitura do ser humano é característica. Como no bairro citado não existem bibliotecas, salas de leitura e nem escolas, foi concluído inicialmente que as donas de casa ali presentes não possuíam o hábito da leitura. A decepção pela falta desses agentes culturais, causado por esse desfecho, resultou nesta pesquisa.

A presente análise aborda sobre a leitura e as práticas literárias inseridas nas histórias de vida das moradoras. Sabe-se que a prática de leitura é algo que se faz presente no cotidiano das pessoas desde quando se começa a “perceber” o mundo a sua volta. A importância da leitura se reforça na necessidade de compreender o sentido das coisas e de compreender o mundo à sua volta.

Parte-se do questionamento primordial: “as Donas de Casa do Jardim Goiás demonstram, em sua história de vida, a presença de quais práticas de leitura?”. Essa questão central se desdobra em questionamentos secundários: “que leituras são essas?”, “qual o impacto dessas práticas de leitura na vida dessas mulheres?”, entre outros.

Logo este estudo tem por objetivo verificar os tipos de práticas de leitura nas histórias de vida das donas de casa residentes no Jardim Goiás I, Goiânia-GO. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer as memórias leitoras das donas de casa do Jardim Goiás I; investigar se as donas de casa demonstram práticas de leitura em sua história de vida; conhecer os tipos de leitura praticados pelas donas de casa; entender como se dá o acesso à leitura das donas de casa; descrever o processo de concepção das práticas de leitura vividas pelas donas de casa e compreender a importância e o impacto que as práticas de leitura têm deixado nos mais diversos momentos de sua vida.

No primeiro capítulo deste estudo, será abordado sobre os aspectos históricos, teóricos e conceituais das práticas de leitura, pois são necessários para a compreensão das práticas de leitura das donas de casa. Já no segundo capítulo, será exposto a metodologia da pesquisa e método utilizado para o levantamento dos dados. O terceiro capítulo traz o resultado da pesquisa e informações sobre as bibliotecas de Goiânia citadas pelas entrevistadas. Por fim, o último capítulo traz as considerações finais sobre todo o trabalho.

2 LEITURA: CONCEPÇÃO HISTÓRICA, TEÓRICA E CONCEITUAL

Para compreender as práticas de leitura das donas de casa do Jardim Goiás, é necessário resgatar a história dessas práticas, acompanhando a evolução dos suportes para leitura da escrita. Analisando as concepções teóricas, abrangendo os aspectos sociológicos e culturais, além da conceituação e do questionamento desta conceituação. Seguindo e construindo um caminho claro e seguro para expor as práticas leitoras dessas mulheres.

2.1 História das práticas de leitura

A Leitura pode ser entendida no campo das metáforas (ler gestos, sons, imagens, leitura de mundo) ou, no significado mais comum, “leitura do texto escrito”. Usando o último significado, leitura e escrita surgem ao mesmo tempo.

Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido –, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física. Ao mesmo tempo em que o primeiro escritor concebia uma nova arte ao fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra arte sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido. O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhes desse voz. Escrever exigia um leitor (MANGUEL, 1997, p. 207).

A escrita é uma evolução dos desenhos feitos nas cavernas, representação dos animais e modo de vida das pessoas da época. Esses desenhos se tornaram ideográficos (desenhados de forma simplificada) e então esse ideograma deixa de definir o que está desenhado para definir a forma falada do mesmo.

A escrita surge para facilitar as relações sociais e econômicas. Com o crescimento da sociedade e o aumento da complexidade das relações, a escrita nasce junto com as primeiras cidades.

Em meados do quarto milênio a.C., quando o clima do Oriente Médio tornou-se mais fresco e o ar mais seco, as comunidades agrícolas do Sul da mesopotâmia abandonaram suas aldeias dispersas e reagruparam-se em torno de centros urbanos maiores que logo se tornaram cidades-estados. Para manter as escassas terras férteis, inventaram novas técnicas de irrigação e esquemas arquitetônicos extraordinários, e para organizar uma sociedade cada vez mais complexa, com suas leis, éditos e regras de comércio, desenvolveram, por volta do final do quarto milênio,

uma arte que mudaria para sempre a natureza da comunicação entre os seres humanos: a arte de escrever (MANGUEL, 1997, p. 206).

A evolução da escrita acompanhou a evolução da tecnologia humana. Os suportes para a escrita evoluíram. De acordo com Manguel (1995 apud SANTOS, 2014, p.71) a escrita nasceu na argila, passou por madeira, pedra e metais. Para melhorar o manuseio apareceram o pergaminho e o papiro, a forma mudou para acomodar melhor os volumes de palavra escrita, que passou a ter a forma de códice.

Segundo Manguel (1997, p.67-68) o próximo grande acontecimento da leitura aconteceu no século X, quando a leitura silenciosa se popularizou, agilizando a leitura e possibilitando a privacidade do leitor contra possíveis censores. Um importante passo na história da leitura, foi a criação da imprensa no Século XV.

Os efeitos da invenção de Gutenberg foram instantâneos e de alcance extraordinário, pois quase imediatamente muitos leitores perceberam suas grandes vantagens: rapidez, uniformidade de textos e preço relativamente barato (MANGUEL, 1997 p. 158).

A imprensa teve grande impacto nos costumes de vários países, que antes eram baseados na tradição oral. Chartier (1990) mostra os principais efeitos da imprensa na estrutura social.

Com efeito, elas fizeram uma boa entrada na cultura dos séculos XV a XIX, por duas razões. Por um lado, fixam ou são portadoras da palavra, cimentam as sociabilidades e prescrevem os comportamentos, atravessam o foro privado e a praça pública, levam a crer, a fazer ou a imaginar: revolvem a cultura na sua totalidade, compondo com as formas tradicionais da comunicação, instaurando novas distinções. Por outro lado, permitem uma circulação da escrita numa escala inédita, tanto porque a impressão baixa o custo de fabrico do livro, doravante repartido por todos os exemplares de uma mesma tiragem, e já não suportado por uma única cópia, como porque ela encurta os prazos da produção, muito longos nos tempos do livro manuscrito (CHARTIER, 1990, p.138-139).

Mesmo que a invenção da imprensa tenha permitido a produção de uma grande quantidade de livros, a quantidade de pessoas analfabetas fazia com que a leitura em voz alta fosse essencial na comunicação dos textos escritos. Isto ocorria em atividades claramente políticas – comícios ou reuniões de negócio – ou ensino, dentro das escolas.

Conforme Chartier (1990, p. 124), as leituras em voz alta subsistiram com hegemonia do século XVI ao século XVIII. A partir do século XVIII, a literatura se expande,

os jornais também. Essa expansão se mantém até hoje, acelerando-se após a segunda guerra mundial.

Começa nesse momento, a preocupação com as informações disponíveis em mídia eletrônica. “Embora historiadores frequentemente se refiram à chamada revolução impressa atribuída a Gutenberg (...) nos meados do século XV, não se pode duvidar do impacto sobre a leitura, da revolução informatizada que se observa neste século” (LYONS 1999, p.7 apud SANTOS, 2014, p. 73).

A internet e a facilidade de acesso a parafernálias eletrônicas facilitam o acesso e a difusão da palavra escrita. Para Lyons (1999, p. 7 apud SANTOS, 2012, p. 73) seja por computadores, celulares, *tablets*, cadernos ou livros, a palavra escrita permeia a sociedade contemporânea. A leitura surge como necessidade fundamental do ser humano para sua comunicação do mundo que o cerca.

Sendo assim, primeiramente veio a leitura sensorial, em seguida, a leitura de signos, que adquire fonemas da fala humana e dá início ao longo trajeto da escrita. Evoluindo com os suportes dessa escrita, a leitura continua e se reforça como habilidade indispensável para a humanidade. Desde a leitura dos sons e cheiros da mãe, para um pequeno bebê, até os *tablets* e celulares que permeiam os dias de hoje.

2.1.1 História da Leitura no Brasil

Para entender a história das práticas de leitura no Brasil, é preciso, primeiramente, conhecer a história do país. O fato de ter sido colônia de exploração e de ter usado mão-de-obra escrava durante séculos é fundamental para explicar as especificidades e deficiências da leitura no Brasil. Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil foi colônia de Portugal, tendo seus povos nativos dominados pelos portugueses e suas riquezas (como o pau-brasil e metais preciosos) exploradas, conforme Fausto (1995, p.35-46) explica.

Dessa maneira, de acordo com Fausto (2010, p.50-60), a formação da sociedade brasileira foi marcada pelo retardamento das instituições educacionais, como escolas e universidades, pela falta de espaços destinados à leitura, bibliotecas e centros de pesquisa e pela exclusão de grande parte da população do acesso à leitura.

Por ser uma colônia, a divulgação de livros e a leitura no Brasil seguia, antes de qualquer coisa, os interesses de Portugal. Sendo assim, o acesso aos livros neste período

era restrito – geralmente aqueles que sabiam ler e tinham acesso aos livros eram indivíduos da igreja, oficiais régios, administradores, dono de escravos, entre outros.

De acordo com Villalta (2002, p. 35), durante o Brasil Colônia, os jesuítas – companhia religiosa responsável por catequizar os índios – foram os principais incentivadores da leitura. Nas escolas jesuíticas, como o colégio instalado na Bahia, os padres faziam cópia das cartilhas e distribuía para os alunos.

Segundo Fausto (2010), com o medo de a colônia ganhar autonomia, o governo português decretou, em 1720, uma lei que proibiu a instalação de fábricas e de tipografias. Apesar de ser proibido no Brasil, nas outras colônias – como da Inglaterra e da Espanha – a impressão foi liberada. Assim, nas outras colônias da América aconteceu a formação de uma elite letrada, mas também, ao mesmo tempo, o acesso de indivíduos mais pobres, como trabalhadores livres e comerciantes, às práticas de leitura.

Os escritores brasileiros passaram por dificuldades em virtude do aparecimento tardio da imprensa e do grande número de analfabetos, pois até o final do século XIX havia 70% de pessoas não alfabetizadas no país. O custo do livro era bastante elevado uma vez que ou era importado ou era produzido em pequena escala. Se o livro era caro e pouco consumido, a remuneração do escritor, por sua vez, era também bastante insatisfatória (FERNÁNDEZ & KANASHIRO, 2011, p. 136).

Sendo assim, é possível afirmar que no Brasil, a formação de leitores começou, de fato, durante o século XIX quando se criou a imprensa régia em 1808. A chegada da família real no território brasileiro em 1808 iniciou um novo momento. A família real tomou medidas como a abertura dos portos às nações “amigas”, construção de indústria (como a têxtil), instalação da Junta de Comércio, criação do Banco do Brasil, Real Biblioteca, Imprensa Régia, entre outras coisas.

Neste período, surgiram jornais no Brasil, como o caso da Gazeta do Rio de Janeiro e o Correio Braziliense. Assim, a Constituição de 1824 – a primeira constituição brasileira – garantiu direitos relativos à liberdade de expressão. A censura régia foi abolida assim como o monopólio exercido pelo imperador. A partir daí, os jornais e, sobretudo, os livros ganharam circulação por todo o território brasileiro.

Para Capelato (1988, p. 112-120), durante o período imperial aconteceu um crescimento considerável de leitores no Brasil e a leitura deixou de ser uma prática restrita da elite letrada. Apesar da limitação dos jornais, nos principais centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, cresceu o número de tipografias. Inclusive, neste

mesmo período aparecem periódicos femininos, como o *Jornal das Senhoras*, editado por Joana de Paula Manso e Noronha.

Lançado no início de 1852, o *Jornal das Senhoras* tinha o objetivo de apresentar o universo feminino e, acima de tudo, instruir as mulheres. Este era um jornal dirigido por mulheres que pretendiam disseminar ideias que iam contra a cultura patriarcal daquela época. Em um artigo publicado em 1852, Joana de Paula Manso e Noronha esclareciam a importância das mulheres buscarem, apesar da condição social, sua emancipação. Nas suas próprias palavras, o termo emancipação era, em resumo,

Emancipação moral da mulher- o que vem a ser isto? Ai! Que temos revolução, dirão por ahi... Sossegai. Não se trata de levantar o estandarte da rebelião. Mas deixemos estas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação da mulher? Eu vo-lo digo: é o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo de seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quais a desherda...
Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada e reconhece perfeitamente a tirania do homem, não é a ellas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral. (O JORNAL DAS MULHERES APUD SOUZA, 2012, p. 14).

A comercialização massiva de livros no Brasil nessa época promoveu a proliferação de bibliotecas por todo o país. O aumento das publicações permitiu que os autores nacionais publicassem seus romances. Autores como Casimiro de Abreu, José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo traziam em seus livros – que eram na maioria das vezes publicados em periódicos e transformados posteriormente em livros – os problemas do Brasil e enalteciam a cultura nacional.

De acordo com Fausto (2010), a abolição do trabalho escravo em 1888 e a Proclamação da República em 1889, mudaram a realidade do Brasil. Apesar de ter adotado o modo de governo presidencialista, o Brasil conviveu com um contexto político caracterizado, pela formação de grupos privilegiados. Além de estes grupos controlarem a produção de café, também influenciaram a política brasileira. Nessa época, o voto era aberto e todos conheciam o candidato escolhido. Assim, os grupos oligárquicos pressionavam os eleitores a votarem nos candidatos escolhidos em troca de favores políticos.

Com a Revolução de 1930, o Brasil passou por grandes mudanças. O governo de Getúlio Vargas iniciou, segundo Fausto (1970), o processo de industrialização do Brasil, instalando fábricas. Além disso, durante seu governo, incentivou a ocupação do interior brasileiro – a chamada Marcha para o Oeste – que possibilitou, por sua vez, o

fortalecimento econômico do Brasil. Desse modo, o projeto de integração encabeçado por Getúlio, além das implicações econômicas, melhorou a educação no país. Mesmo com a democratização do ensino, pode-se dizer que

A “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas, para a popularização da leitura e do livro. (SILVA, 1987, p. 21).

A partir deste período as “práticas de leitura” se espalharam pelo Brasil, uma vez que, a escola se tornou a principal instituição responsável pela formação dos cidadãos e pela socialização da leitura.

Mais recentemente, com o início do Governo Lula, em 2003, diversos programas sociais foram implementados para incentivar o acesso à cultura e à escola. O mais importante deles, o Bolsa-Família, foi instituído para prestar assistência econômica e social às famílias de baixa renda, desde que as crianças da família permanecessem na escola. Quando vinculou o recebimento do benefício à permanência da escola, o Bolsa-Família garantiu que crianças de baixa renda não abandonassem a escola para trabalhar e ajudar em casa, como frequentemente acontecia, e ampliou o acesso à cultura de milhões de jovens.

No período contemporâneo as mudanças provocadas pela internet mudaram radicalmente o cenário das “práticas de leitura”. Cada vez mais a leitura se torna universal e deixa de ser uma prática vinculada à escola. Conforme observa Chartier (1996), após a introdução da internet no universo da leitura, duas mudanças marcaram o leitor do texto impresso e o leitor do texto digital: a contextualização e o contato físico com o livro.

2.2 Conceitos de leitura: para além do ato de decifrar signos

Conforme Martins (1994, p. 23), ler e escrever, desde o início da civilização ocidental, são habilidades essenciais para se exercer a cidadania, integrar-se à sociedade, emancipar-se. Instrumento de poder, o domínio da língua escrita, o decifrar mecanicista de símbolos linguísticos é tido comumente como principal (quando não única) forma de leitura.

Contrapondo o behaviorismo de Skinner, corrente no senso comum, a perspectiva cognitiva sociológica (adotada neste trabalho), mais abrangente, afirma a leitura “como

processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos” (MARTINS, 1994, p. 31).

[...] fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente. Além do leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia, há também o leitor do jornal, revistas. Há ainda o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. Esse leitor só pode se movimentar no ambiente urbano das grandes metrópoles porque lê os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas dos estabelecimentos comerciais etc. Como se não bastasse, há ainda o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas do computador. Na mesma linha de continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço, espaço este constituído do conjunto de redes de computadores interligados por todo o planeta. São essas redes que dão amplo acesso à informação e permitem o encontro dos internautas, criando novas formas de socialização, compartilhamento e participação. (SANTAELLA, 2014, p. 2).

A possibilidade aberta com os textos *online* impressiona Chartier (1999, p.13), que considera que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. Pelas características da leitura, o leitor moderno conjuga o modo de ler do leitor da Antiguidade – o texto corre fluidamente em frente aos olhos – e do leitor medieval, que usa referências como índice e paginação. Ao contrário do leitor com um códice em mãos, o leitor de tela tem uma relação mais afastada e até não corporal com o objeto da leitura.

A leitura racional é a “leitura de verdade” do senso comum. A leitura que se deve praticar. O texto isolado do contexto e sem envolvimento pessoal (Martins, 1994, p. 64), o pressuposto da erudição e da educação formal. Para além dos raciocínios rasos, a leitura racional é o terceiro nível de leitura, é reflexiva e dialética, estabelecendo um fluxo de conhecimento, mas a leitura vai além.

Em seus primeiros contatos com o mundo, enquanto recém-nascido, o ser humano começa a construção do hábito de leitura. Ao interpretar os sons, formas, sinais táteis, gostos e cheiros e a atribuir significados a eles, nós damos os primeiros passos no mundo da leitura (MARTINS, 1994, p. 11). O viver alimenta o ler que alimenta o viver. A leitura

sensorial é o primeiro nível de leitura, que adquirimos ainda bebês e levamos por toda a vida. (MARTINS, 1994, p. 43).

Já a leitura emocional, o segundo nível de leitura, dialoga com a história do leitor, fazendo-o reviver momentos e emoções. Profundamente subjetiva, a leitura emocional dialoga com nosso universo interior, provocando reações, despertando sentimentos. A leitura predominantemente é subvalorizada pelo pensamento acadêmico corrente, tida como simples passatempo, mas pode, como observa Escarpit (apud MARTINS, 1994, p. 59), para ajudar a elaborar, através do relaxamento de tensões, sentimentos difíceis de compreender e conviver.

Compreendendo então que o conceito de leitura é abrangente e vai muito além do texto escrito ou da decodificação de signos, linguísticos ou não, englobando a vida e história do leitor, sua relação com o mundo e com o objeto da leitura. Além da aquisição de conhecimento, ler é interpretar nosso ambiente, nossa rotina, nossa comunidade, nosso redor. Ler é se relacionar com o mundo, é necessidade básica para o viver.

3 METODOLOGIA

A pesquisa abaixo pode ser classificada, segundo Matias-Pereira (2007), como uma pesquisa básica, de caráter qualitativo.

Interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados [...] não requerem uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MATIAS-PEREIRA, 2007, p. 71).

A partir disso, foi utilizado a pesquisa descritiva, com o emprego de levantamento de dados para obter respostas à proposta apresentada. Como o levantamento de dados, conforme Gil (2000, apud MATIAS-PEREIRA, 2007), requer questionar diretamente o público-alvo, foi necessária uma autorização do comitê de ética para empregar esse método.

Este estudo está incluído no projeto de pesquisa “A Leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais”, coordenado pela Prof.^aDr.^a Andréa Pereira dos Santos, sendo ela pesquisadora, na Faculdade de Informação e Comunicação – FIC, da Universidade Federal de Goiás.

3.1 Por um método qualitativo: grupos focais

Segundo Gondim (2003, p. 150), dentro do pensamento científico pode-se encontrar duas abordagens: nomotética ou a hermenêutica. A abordagem nomotética tem caráter quantitativo e busca, em geral, a união entre a ciência natural e social.

Por outro lado, a noção de hermenêutica tem como princípio fundamental o dado qualificativo. Em razão disso, não se propõe a combinação de áreas diferentes entre si, mas a elaboração de um método específico. Assim, não se trata de importar uma metodologia de outra. É necessária a criação de um método único capaz de atender, durante o processo investigativo, as complexidades e dimensões do objeto de estudo.

A interpretação dos fatos, o significado de cada ação humana e linguagem adquirem, então, relevância nesta abordagem. Em face disso, a metodologia do grupo focal é baseada na abordagem hermenêutica. Os dados foram coletados através de grupo focal realizado no dia 29 de novembro de 2015.

3.2 Grupos focais: conceito e definições

Segundo Gondim (2003), o surgimento dos grupos focais data-se de meados de 1940, como fruto dos estudos de Paul Lazarsfeld e Robert Merton na Universidade de Colúmbia. Naquela altura, o interesse dos pesquisadores era mapear a reação das propagandas e transmissões de rádios no período da Segunda Guerra Mundial. Assim, reuniam-se algumas pessoas e, após a apresentação das propagandas, perguntavam aos entrevistados o que tinham achado.

Entretanto, os métodos de grupos focais só se popularizaram após a Segunda Guerra Mundial quando, em diferentes países, o setor de marketing decidiu utilizá-lo para saber, detalhadamente, a percepção dos consumidores sobre determinado produtor. A partir de 1980, os grupos focais foram usados amplamente no âmbito da saúde para observar, em primeiro lugar, a recepção de determinado remédio – como os contraceptivos – e o comportamento dos pacientes frente as doenças crônicas

Podemos definir grupos focais como “[...] um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade”. (GOMES & BARBOSA, 1999, p.01). Notamos que o grupo focal é um método que valoriza, antes de qualquer coisa, a interação entre os indivíduos do grupo a partir da discussão de um tópico específico. Consequentemente, há algumas características comuns nos grupos focais.

Segundo Gomes e Barbosa (1999), os grupos focais possuem como característica: grupo relativamente pequeno de 07 a 15 pessoas; discussão através de tópicos; a duração da reunião gira em torno de uma ou duas horas; o pesquisador precisa observar o dito e o não-dito, entre outros aspectos.

Pela sua capacidade interativa e problematizadora, o grupo focal como técnica de coleta e de análise de dados se constitui em uma importante estratégia para inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise e síntese que contribuam para o repensar de atitudes, concepções, práticas e políticas sociais [...].O grupo focal como técnica de coleta e de análise de dados representa, em suma, uma nova possibilidade metodológica para as pesquisas qualitativas. Nessa direção, poderá representar uma conquista e um desafio para os pesquisadores de enfermagem, pela possibilidade de instigar novos saberes, de ressignificar posturas profissionais e aproximar a pesquisa dos cenários de prática e vice-versa. (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011, p. 440).

Em razão dessas questões, na presente pesquisa o grupo focal foi realizado com 12 mulheres moradoras do bairro Jardim Goiás I. Os tópicos de discussão foram elaborados para permitir, através do grupo de conversa informal, a exteriorização das opiniões sobre leitura. Então apenas a informação sobre as concepções de leitura não se constitui por si só, como um elemento capaz de explicar o processo das práticas de leitura.

Em razão disso, além da questão sobre a leitura procurou-se incentivar a exposição da história de vida de todas as entrevistadas. Logo, da combinação de informações sobre a trajetória de vida e sobre as concepções de leitura surgiu um quadro de dados diversos e relevantes. Assim, foi a partir desse volume de informações que desenvolvi a pesquisa sobre as concepções de leitura.

4 HISTÓRIA DO JARDIM GOIÁS

A transferência da capital de Goiás na década de 30, iniciou um novo capítulo na história do estado. Idealizada desde o século XIX, a transferência ocorreu quando, em 1935, Pedro Ludovico Teixeira assinou o decreto que determinou a criação de Goiânia para ser capital de Goiás. O governo de Getúlio Vargas criou, a partir da década de 30, um projeto que desafiou os antigos grupos de poder, especialmente os partidos de Minas Gerais e São Paulo que, através da chamada política “café com leite”, escolhia todos os candidatos.

Assim, Vargas escolheu interventores para cada Estado a fim de reduzir a importância dos grupos oligárquicos que controlavam as eleições regionais. Assim, foi escolhido em Goiás o interventor e médico Pedro Ludovico Teixeira, que ficou responsável por promover a transferência da capital da cidade de Goiás – antiga Vila Boa – para Goiânia. Segundo Chaul (2009), ao lado dos acontecimentos e fatos que marcaram a transferência da capital, é importante dizer que, naquele contexto, o discurso sobre a modernidade foi um fator importante entre “razões” que levaram, pois, a transferência da capital.

Com o crescimento econômico do Brasil vindo do projeto nacionalista de Vargas, – com a construção de indústria de base no Brasil e a proposta de diminuir as importações para incentivar a exportação – trouxe a necessidade de desenvolver outras partes do país, principalmente as regiões do interior que se distanciavam do litoral. Essa proposta se concretizou a partir de 1937 com a chamada *Marcha do Oeste*.

A transferência da capital para Goiânia mostrou os objetivos de Vargas de integrar as regiões do Brasil e incentivar o desenvolvimento econômico. Era a oportunidade de inserir Goiás no projeto nacional de Vargas. Assim, a construção de Goiânia foi um projeto guiado pela modernidade. Em outras palavras, o processo de transferência se tornou uma necessidade urgente para colocar o centro-oeste no progresso econômico. Desse modo, o argumento da modernidade apareceu como um dos mais importantes para legitimar a transferência da capital. Entre as camadas médias urbanas e grupos rurais, a cidade de Goiânia representou, na prática, o símbolo máximo do progresso. Resumidamente,

Naquele momento da vida política nacional e estadual, mudar a capital significava erguer uma bandeira de luta em torno de uma ideia, e não havia outra. A mudança da capital passava ao seu significado mais global: um símbolo de ascensão ao poder, uma representação do progresso, do moderno, um divisor de águas entre o velho e o novo Goiás. Assim, Pedro

Ludovico resgatava as idéias de mudança da capital dos séculos XVIII e XIX e as utilizava para sua plataforma de ascensão política. Pedro Ludovico Teixeira resumia seus ataques às deficiências e ao marasmo da cidade de Goiás. Os ataques à velha capital, porém, não atingiam apenas a cidade decadente, mas também o centro de poder dos grupos políticos depostos. Atacar Goiás era uma forma de atacar os Caiados; era uma maneira de atacar o núcleo de poder da Primeira República. Paralelamente, armava-se uma sintonia com os anseios econômicos dos grupos políticos do sul e do sudoeste do Estado. (CHAUL, 2009, p.102-103).

Apesar de o estudo da capital ter ganhado, no decorrer dos anos, importância e demonstrado o significado social e econômico da transferência, não existe, por parte dos pesquisadores, uma preocupação com a história dos bairros. As pesquisas acadêmicas dão preferência ao estudo de Goiânia de forma panorâmica e esquecem de investigar as particularidades de cada bairro.

Projetada pelo arquiteto e urbanista Atilio Corrêa Lima em 1933 e, posteriormente, pelo engenheiro Armando Augusto Godói, a cidade de Goiânia se tornou a mistura de tendências contrárias entre si. Mais especificamente, a corrente de urbanização francesa e inglesa influenciaram a estética de Goiânia. De outro lado, a distribuição dos lotes ficou a cargo do Estado e, a partir de 1943, a rede urbana ultrapassou o Setor Central e em Campinas. Conforme observou Oliveira e Peixoto (2009), pouco a pouco os loteamentos foram além do desenho original de Goiânia e começou a criação de bairros na região dos córregos Botafogo e Areião. Depois de 1950, os loteamentos foram deixados nas mãos do setor privado. Segundo Ribeiro (2004), neste período ocorreu o crescimento da cidade e, desde aquela data até entrar o século XXI, a cidade de Goiânia cresceu ao ponto de registrar, atualmente, 400 bairros.

Sobre o bairro Jardim Goiás, sua construção representou, como outras regiões de Goiânia, um vínculo com as ideias modernas daquela época. De acordo com Oliveira e Peixoto (2009), o bairro Jardim Goiás foi construído com a iniciativa de Lourival Louza, em 1950. Dono de uma fazenda conseguida através do garimpo de ouro, Lourival Louza reservou boa parte da fazenda para o loteamento – especialmente as terras localizadas perto da cidade. Para que o loteamento fosse aceito pelo Estado, o fazendeiro Lourival Louza foi para São Paulo em busca de especialistas. O resultado foi a criação de um plano urbanístico encabeçado pelo engenheiro e arquiteto Roberto Magno Ribeiro. O projeto urbanístico dizia que

Tendo em vista as possibilidades naturais do terreno e sua localização com relação ao Plano Geral da Cidade de Goiânia, foi o projeto, em suas linhas gerais, elaborado com base no ante-projeto traçado pelo eminente engenheiro e urbanista Francisco Prestes Maia. As diretrizes seguidas no

projeto definitivo obedecem, em todos os seus detalhes, às mais modernas normas de urbanismo, não só tirando da topografia arruamentos e espaços livres, proporcionando ainda a cada lote a melhor situação e o maior conforto dentro das especificações do Código de Obras da Cidade de Goiânia. O bairro projetado é do tipo “cidade-jardim” que melhor preenche as condições de higiene e conforto, além de constituir o tipo ideal de bairro residencial, conforme mostram as experiências levadas a efeito nas mais progressivas cidades do país e mesmo do exterior. Dentro do plano geral de urbanização foram previstas áreas para a localização adequada de estabelecimentos escolares, centro de saúde, parque infantil, igrejas, centro esportivo e recreativo, etc. Estas áreas, que na planta se mostram ajardinadas, ficarão reservadas e de posse do proprietário do “Jardim Goíaz”, que fará delas oportuna doação ou concessão a entidades públicas ou particulares, para os fins indicados no projeto, ou outro mais apropriado, desde que não sejam para fins industriais ou outro qualquer que venha prejudicar o caráter essencialmente residencial do bairro projetado. Núcleos comerciais ou comerciais-residenciais poderão ser localizados em algumas destas áreas, notadamente nos Jardins 4, 9 e 16, assim como nos parque adjacentes à Praça B, sem prejuízo para os espaços livres, cuja área total atinge porcentagem bastante elevada. (OLIVEIRA, 2012).

Observando o plano elaborado pelo arquiteto, é possível perceber a preocupação higiênica sobre a região e mostra as condições favoráveis do novo bairro em comparação com outros loteamentos, como de São Paulo. Apesar disso, o que fica visível na descrição do arquiteto é a certeza da vocação do bairro para se tornar residencial. O próprio nome do bairro, “Jardim Goíaz”, mostrava a importância da área verde como característica da região dentro de Goiânia.

Oliveira e Peixoto (2009) mostram que a ocupação do bairro Jardim Goiás ocorreu, no início, com invasões na região do córrego Botafogo. Assim, os moradores vinham de vários lugares, principalmente aqueles que foram “[...] transferidos da invasão do Jardim Botânico com a promessa de que seriam proprietários dos terrenos que compunham parte das áreas institucionais do Jardim Goiás”. (OLIVEIRA & PEIXOTO, 2009, p. 06). As invasões do bairro Jardim Goiás aumentaram quando se iniciou a construção do estádio Serra Dourada e os trabalhadores chegaram ao bairro. Nesse mesmo período foi construída a Escola de Líderes – que depois se tornou o Colégio da Polícia Militar Hugo de Carvalho Ramos – que buscava formar as “elites de lideranças”.

Assim, a compra de lotes no bairro Jardim Goiás aumentou depois da construção do primeiro shopping em Goiânia, o Shopping Flamboyant. Segundo Oliveira e Peixoto (2009), a criação do shopping no Bairro Jardim Goiás valorizou a região e aumentou o processo de invasão. Entre as áreas ocupadas no Jardim Goiás está a Vila Lobó, hoje denominada Jardim Goiás – Área I.

Localizada às margens do córrego Botafogo e ocupando uma área de 147.561,61 m², a Vila recebeu este nome devido à umidade do local, que favorecia a proliferação de sapos nas casas. É importante dizer que os moradores da Vila não gostam que ela seja chamada assim, pois é um nome pejorativo que relembra os períodos difíceis em que a região era desamparada pelo poder público e não tinha infra-estrutura básica.

Acredita-se que a ocupação na Vila teve início quando a terra de Lourival Louza naquela região foi arrendada por um senhor para plantar arroz e que, com o tempo, vendeu algumas áreas (JORDÃO, 2013, p. 136). Os moradores da Vila sofreram com a falta de estrutura e saneamento básico durante décadas até que, em 1997, através do Programa Pró-Moradia, foram feitos serviços de galerias de águas pluviais, rede de água, esgoto e energia elétrica, iluminação pública, pavimentação de ruas, melhorias habitacionais e regularização fundiária (JORDÃO, 2013, p.102). Os dados censitários sobre a população da Vila são precários e escassos, porém, segundo dados de 2002, acredita-se que existam 440 casas e uma população de 1.760 pessoas na região (JORDÃO, p. 138).

5 AS DONAS DE CASA DO JARDIM GOIÁS I: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE LEITURA

Mulheres que têm em comum o fato de ser dona de casa no Jardim Goiás, deslocaram-se, em sua maioria, para a capital almejando um futuro melhor, com o sonho de progredirem na vida. Todas elas imaginavam – e imaginam – que o meio para alcançarem essa vida melhor é o estudo formal, e não tem como falar de estudo sem falar dos hábitos de leitura.

A ideia da pesquisa surgiu a partir da observação das frequentadoras da mercearia Arco-Íris, da qual a autora da pesquisa é funcionária, e localiza-se próximo a Vila Lobó, no Jardim Goiás. Essas mulheres foram escolhidas por serem donas de casa e moradoras das proximidades da mercearia.

O grupo focal foi escolhido como método para o levantamento de dados necessários. As mulheres foram convidadas para realizarem o grupo na casa da autora da pesquisa, estando cientes sobre o objetivo da entrevista. Todas as convidadas aceitaram e doze mulheres contribuíram para o presente trabalho com suas histórias de vida, perspectivas de futuro e visões de mundo.

Quadro 01 – Informações sobre as entrevistadas no grupo focal

Nomes	Informações
W.	Possui 42 anos, completou o ensino médio, é viúva, tem dois filhos, nasceu no Piauí, é cuidadora.
F. C.	Possui 56 anos, cursou até a 7ª série do ensino fundamental, é casada, tem 5 filhos, nasceu em Floriano – PI e trabalha como costureira.
N.	Possui 15 anos, está cursando o 1º ano do ensino médio, é solteira, não tem filhos, nasceu e cresceu em Goiânia – GO, é estudante.
S. C.	Possui 42 anos, ensino médio completo, é casada, tem 2 filhos, natural de Goiânia – GO, é revendedora da Natura e presidente da AMAEG.

R. de C	Possui 46 anos, ensino médio completo, solteira, um filho, nascida em Urutaí – GO, é auxiliar de laboratório.
I. N.	Possui 47 anos, completou o ensino médio, é casada, não tem filhos, natural de Hidrolândia – GO, é corretora de empréstimo consignado.
R.	Possui 47 anos, estudou até o primeiro ano do ensino médio, divorciada, tem 3 filhos, nasceu em Guaraí –TO e trabalha como salgadeira e costureira.
E.	Possui 47 anos, ensino médio completo, é divorciada e tem dois filhos. Nasceu em Palmeiras – TO e é funcionária pública.
E. G.	Possui 54 anos, estudou até 7ª série, casada, tem dois filhos, nasceu em São João da Aliança – GO, é diarista.
M.	Possui 75 anos de idade, estudou até a 1ª série, viúva, 6 filhos, nasceu em Rondonópolis – MT e trabalha como costureira.
D. C.	Possui 75 anos, estudou até a 1ª série, é viúva, tem 9 filhos, nasceu em Floriano – PI e é aposentada.
I. S.	Possui 78 anos, estudou até a 4ª série, é viúva, tem dois filhos, nasceu em Uberaba – MG e é aposentada.

Fonte: Elaboração da autora (2016).

5.1 Relato sobre o grupo focal

O dia escolhido para a realização do grupo focal foi 29 de novembro de 2015, um domingo a tarde. Todas as entrevistadas compareceram no horário marcado, o ambiente foi organizado com cadeiras colocadas de forma circular para que todas pudessem ouvir e enxergar claramente suas companheiras, e também para que se pudesse gravar melhor.

A Prof.^aDr.^a Andrea Pereira dos Santos, formada em biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, foi convidada para participar como mediadora do grupo.

Ela foi apresentada como uma colega para que as entrevistadas não se sentissem desconfortáveis.

A entrevista foi filmada pelo Vinícius Schmidt, filho da autora do estudo e as perguntas foram feitas conforme um roteiro norteador produzido anteriormente. A primeira etapa foi a de apresentação das entrevistadas com nome (que não será inserido no trabalho por motivos de privacidade), idade, se casada ou solteira, quantos filhos, profissão, origem, e motivo que as trouxeram a Goiânia.

Na segunda etapa, foi falado sobre a formação acadêmica de cada uma, como foi o acesso à leitura, a bens culturais, a teatro. A mediadora pediu para que fizessem um resumo da história de vida de cada uma. A maioria das entrevistadas não são de Goiânia, então foi necessário saber como essas mulheres chegaram em Goiânia, o porquê delas se dirigirem para a cidade, quando se mudaram, os bens culturais, suas possibilidades de estudar.

Durante a entrevista, houve momentos de total descontração, onde as entrevistadas gargalharam e se divertiram tanto que não foi possível entender sobre o que falavam para transcrever no estudo, além do lanche oferecido ser bastante elogiado. Na terceira etapa, houve o encerramento do encontro pela mediadora, com agradecimentos de ambas as partes e a certeza de que uma sementinha de autorreflexão foi plantada sobre a importância da leitura. Cada participante relatou sua história, tornando-se uma referência para outra.

5.2 Histórias das donas de casa do Jardim Goiás I

Goiânia já foi divulgada como terra de oportunidades. Com o sonho de crescimento na vida, a maioria das donas de casa no Jardim Goiás I vieram de outros lugares.

F.C. nasceu no Piauí e se mudou para Goiânia com a família, aos 14 anos, obrigada, pois tinha um namorado na cidade natal.

W. nasceu no Piauí e mudou-se para Goiânia porque lá era “*muito difícil*” e sua visão (e de sua família) era “*sempre querer algo melhor*”.

D. saiu de Floriano, também no Piauí. Seu irmão morava em Goiânia e convidou para se mudar: “*vem para cá que aqui é bom*” e dizia que ela poderia ajudar o resto da família depois de se estabilizar.

M. também escolheu Goiânia por influência de um membro da família. Nasceu em Rondonópolis e depois se mudou para Rio Verde, sempre vivendo na área rural. Foi a tia quem estimulou M. a mudar-se para Goiânia: *“Goiânia é melhor para vocês”*, dizia ela.

I.S. se mudou para Goiânia para trabalhar: *“porque aqui eu teria mais oportunidades”* segundo ela

I.N. sempre teve sonho de viver em Goiânia e *“estudar, crescer, ser alguém, ter filho e não casar”*, e se mudou logo depois de sua irmã.

E.G., no interior de Goiás, sonhava em fazer medicina e se mudou para Brasília querendo crescer na vida. Após um tempo no interior, quando constituiu família, E.G. ainda queria ser médica e se mudou para Goiânia atrás desse sonho.

E. vivia no Tocantins, na área rural. Queria estudar e trabalhar e por isso se mudou para Goiânia.

R., também do Tocantins, se estabeleceu em Goiânia para estudar, logo depois de um tratamento dentário.

R.de C. mudou-se para Goiânia ainda criança por causa de desavenças do seu pai em Urutaí e sua família acabou se estabelecendo depois que o mesmo foi preso.

5.3 As donas de casa do Jardim Goiás I e seu acesso aos bens culturais

As donas de casa do Jardim Goiás, em sua maioria, tiveram pouquíssimos acessos a bens culturais durante a juventude e, em geral, acham que o acesso a esses bens, hoje em dia, é muito mais fácil, seja por conta da tecnologia ou pela evolução das políticas de incentivo à cultura. A busca pela cultura, leitura e conhecimento, por vezes, entrava em conflito com a rotina de cuidado com filhos, casa e marido. Um fato que não é novo.

Lyons (2002) relata pesquisas de estudiosos que detectaram que, até a década de 1940, as mulheres lamentavam não terem tido, ao longo da vida, tempo que para dedicarem-se à leitura, pois estavam ocupadas em demasia com suas obrigações. (DUMONT; SANTO, 2007, p. 33).

Os bens culturais mais comuns foram as fotonovelas, cartas e a Bíblia. Os esportes, o cinema e o teatro e até o artesanato foram citados, além de almanaques farmacêuticos. À mulher sempre se reservou ao posto de guardiã da família. Esta instituição existe desde o surgimento da espécie humana.

W., em suas próprias palavras, sempre gostou muito de viver. Além de ter grande interesse em teatros e coisas do tipo. Porém esbarrou na rotina familiar: *“meu foco maior era a família, então nunca fui muito de participar de eventos”*

A leitura e a educação voltadas às mulheres tiveram, ao longo da história, caráter predominantemente doutrinadora a respeito do papel da mulher na sociedade. Ainda na Grécia antiga Teofastro afirmava que o foco da educação feminina deve ser a administração do lar e que a educação avançada “transforma a mulher em uma comadre briguenta e preguiçosa.” (MANGUEL, 1997, p. 256).

Essa forma de “educação feminina” perdurou até a hegemonia do cristianismo na Idade Média, quando as mulheres eram educadas de acordo com a utilidade do lar dos homens (MANGUEL, 1997 p. 246-247). Ferramenta crucial nessa educação, a Bíblia é leitura comum nos ciclos femininos através dos séculos. A religião ensinava que “o livro ou rolo pertencia tradicionalmente à divindade masculina, ao Deus pai”. “Cristo foi pintado com frequência exercendo a função rabínica de professor, intérprete, erudito, leitor, à mulher pertencia o Filho, afirmando seu papel de mãe” (MANGUEL, 1997. p. 245).

Essa função moralizante, de submissão ao marido, brandura e docilidade (MANGUEL, 1997, p. 246), da leitura feminina se mostra viva até os dias de hoje e pode ser a explicação da quase onipresença da Bíblia na vida das mulheres do Jardim Goiás. Elas têm na Bíblia e livros religiosos leitura comum durante a infância e também a fase adulta, e referência ética maior. Em sua Juventude, M. diz nunca ter tido acesso a bens culturais, exceto pela Bíblia. D. Irani também cita a importância da religião. S. (bíblia e livros evangélicos). A Bíblia Sagrada é o livro preferido de E., F. C. cita um dos livros da Bíblia, Êxodo. Também citam sua leitura I.N., W. e R..

As cartas foram lembradas pelas entrevistadas. E.G. aprendeu a ler copiando cartas escondida de sua família, já W. foi incentivada pela avó, que era analfabeta e precisava de alguém de confiança para a leitura de suas correspondências. Bastante citados, as fotonovelas e romances constituem a principal leitura de “fuga” das entrevistadas, visando a distração da realidade e escapes emocionais (MARTINS 1994).

A leitura se transforma numa espécie de válvula de escape. Direta ou indiretamente, ajuda a elaborar, através do relaxamento de nossas tensões, sentimentos difíceis de compreender e conviver. Assim sendo, o conceito de escapismo aplicado ao modo de ler torna-se ambíguo. (MARTINS, 1994, p. 59).

Sobre o tipo de leitura que a marcou, R. explica: *“Foi romance. Eu gostava muito, até gosto. E fotonovela, antigamente”*. E.G. e M. também citam a importância da fotonovela em suas formações como leitoras. Além de fotonovelas, R. lê romances, que também são apreciados por F.C. e I.N.

Outro bem cultural bastante difundido é o esporte. Tanto R. de C., quanto F.C., alegam que nunca tiveram acesso a bens culturais, exceto educação física: *“[...] pelo menos nos nossos colégios que passei, não teve teatro, nem nada, sou daquela época que só tinha educação física”* segundo F.C.. R. de C. segue o mesmo pensamento *“[...] na minha época era mais esporte mesmo”*.

Já com 16 anos, explica F.C., foi “viver pra marido e filho” e continua: *“criei os filhos, agora vou viver para/pelos netos”*.

I.N. também tinha os esportes como referência de cultura: *“eu fui atleta, era ciclista e corria também”*, já hoje em dia, frequenta cinema, passeios e a Igreja.

M. diz nunca ter tido acesso a bens culturais, exceto pela Bíblia. Não pôde estudar, pois sempre trabalhou muito com serviços do campo desde pequena e isso se consolidou assim que se casou e teve filhos.

Segundo S., seus filhos têm acesso ao que ela não tinha em sua época. Fala especificamente do teatro, que está presente em várias escolas, além de bens culturais no geral estarem mais acessíveis financeiramente. Apesar da ampliação do acesso à cultura, há um longo caminho a ser percorrido nessa área.

I.S. nunca foi ao cinema ou ao teatro, mas cita uma história que ouviu quando criança contida na Odisséia, de Homero – “Ulisses na terra dos ciclopes”. *“Essa história eu nunca esqueci”*. Infelizmente I. S. é um reflexo da educação negada às mulheres. No Brasil, garotas somente foram aceitas oficialmente a partir de 1827. “Inicialmente o estudo era para poucas. Lugar de mulher era em casa cuidando do lar, doce lar.” (DUMONT, SANTO, 2007, p. 31).

E. e R., ao contrário das outras mulheres, tiveram acesso a bens culturais diversos. E. frequentou cinema e teatro, estudou até a conclusão do ensino médio, mas parou porque *“queria só namorar, trabalhar em primeiro plano”*, com o tempo casou e precisou empenhar-se com casa, filhos e marido.

R. fazia teatro, bem cultural disponibilizado pelo colégio feminino, na IEG, além de assistir cinema e teatro. R. teve problemas com o parceiro ciumento e foi difícil continuar os estudos *“Sempre ele tinha ciúme demais, ficava um ciuminho, vinha vigiar colega [...]mesmo assim estudei até o primeiro ano”*. Logo casou, engravidou e teve que se

dedicar integralmente à família, porém agora está separada e deseja voltar a estudar com a filha.

N. diz que no seu colégio não é falado sobre cultura, mas sente vontade de fazer teatro e/ou dança

Já E.G, apesar de não reconhecer como bem cultural, tinha acesso a artesanato, fazendo tecidos na roda de fiar, além de ler almanaques. A importância dos Almanques na formação popular é lembrada por Melo (2002).

Os almanaques Capivarol, Biotônico Fontoura eram os livros de sabedoria popular. Muita gente lia e falava que não lia porque pegava mal. Ele ensinava tudo. Plantar, fases da lua, receitas de remédios e de culinária, cortes de cabelo, moda conselhos para marido, mulher, namorado. Era uma pequena biblioteca, ou seja uma enciclopédia popular. (MELO, 2002, p. 171).

Apesar das dificuldades da vida de casada, como dona de casa, persiste nos estudos e hoje tem um melhor acesso à cultura, inclusive pesquisas sobre cultura africana, além de cinema, teatro e música. Demonstra fascinação pela diversidade cultural dos países, expressa no vestuário e alimentação.

D. perdeu inúmeras oportunidades de acesso à cultura porque era “*muito impossível*”, segundo ela, preferia brincar e pregar peças nos colegas a estudar e logo se casou, o que tolheu suas últimas chances de estudar. D. sabe a importância que tem a cultura, a leitura, os estudos e se arrepende de não ter se aplicado mais, se esforçado mais.

As donas de casa do Jardim Goiás, independente das oportunidades que – não – tiveram, sempre valorizaram a cultura e o conhecimento, mas por especificidades da vida de cada uma, não puderam, em sua maioria, trilhar o caminho da educação formal. A especificidade mais comum foi o casamento e, em consequência, o cuidado com o lar e os filhos. Esse quadro não é novo. Como explicita Dumont e Santo (2007, p.33), “Lyons (2002) relata pesquisas de estudiosos que detectaram que, até a década de 1940, as mulheres lamentavam não terem tido, ao longo da vida, tempo que para dedicarem-se à leitura, pois estavam ocupadas em demasia com suas obrigações.”

5.4 Percepção das donas de casa do Jardim Goiás sobre a leitura

Uma das donas de casa diz em seu depoimento *“Em uma cidade como Goiânia é impossível você não saber. Pra pegar um ônibus, tem que ler o que está escrito, você precisa ler o rótulo da embalagem no supermercado, você precisa pra tudo.”*

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. (MARTINS, 1994, p. 22).

Indagadas sobre o que acham que é a leitura, as entrevistadas, apesar de sua simplicidade, deram respostas diversas, que se encaixam com concepções teóricas já estudadas como a leitura sensorial, emocional e racional, por exemplo. Porém, os hábitos de leitura das donas de casa ultrapassam as noções tradicionais, construindo o conhecimento com base em experiências de vida, relações familiares, e comunidade que as cerca e vão ao encontro do pensamento de Martins (1994), mostrando que o conhecimento prático estabelece bases tão ou mais duradouras que a teoria aprendida na escola.

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim pelo contexto geral em que os leitores se inserem. (MARTINS, 1994, p. 28).

Para mulheres que são conduzidas pela sociedade para os serviços domésticos, mesmo que almejam objetivos diversos, é compreensível que a leitura visando o escape da realidade ocupe um grande espaço em seus hábitos de leitura. A leitura emocional, a leitura de “fuga”, foi descrita várias vezes pelas donas de casa. De acordo com Martins (1994, p. 49), a leitura emocional é a leitura nos leva para outros tempos e lugares.

E.G. quer ler cada vez mais: *“porque é bom, porque distrai a gente. Às vezes você está nervoso, pega um livro e esquece a preocupação. Vale a pena”*. A fuga da realidade está presente na fala de I.S. também: *“parece até que esquece da vida”*. A leitura é como uma válvula de escape para essas mulheres, ajudando a trabalhar sentimentos difíceis de compreender através do relaxamento proporcionado pela mesma. (MARTINS, 1994). A leitura como viagem é uma metáfora que se repete. Ir longe sem sair do lugar é um dos motivos pela qual E. lê. *“A leitura, pra mim, eu vejo como uma viagem”*, segundo S.

A leitura emocional provoca emoções também por nos lembrarmos de momentos passados e situações já vividas (MARTINS, 1994). E é assim, também, que a leitura

funciona para W., que gosta de ler para relembrar outras épocas: *“Eu tenho muitas pastas de cartas, gosto muito de voltar ao tempo, e ver as cartas, relembrar os momentos [...] Cartas amarelas, boas lembranças...”*

As mulheres do Jardim Goiás I também veem a leitura como obtenção de conhecimento, algo que permite a ascensão social: *“leitura é informação, evolução”*, diz E.G., e continua, *“a gente se informa de muitas coisas”*. Aqui surgem referências das donas de casa à leitura racional, em suas concepções de leitura.

A leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. (MARTINS, 1994, p. 66).

Para E., lendo, *“você esclarece as coisas que você não sabe”*. M. faz uma relação entre timidez e ignorância que, para ela, seria o medo de se expressar por não saber: *“a gente fica com medo porque não sabe, não tem costume”*. A leitura surge como fator que a libera da timidez, porque dá conhecimento: *“A gente aprende a conversar, aprende a falar, acabar com a timidez.”* O sonho de subir na vida permeia e move as donas de casa do Jardim Goiás I. Foi o que levou a maioria delas à Goiânia. E é um valor que elas atribuem à leitura.

D. resumiu o deslumbre com a leitura como meio de obtenção de conhecimento e, através desse conhecimento, a ascensão socioeconômica. *“[...] Se eu soubesse ler, eu não estaria lavando roupa para os outros, estaria em um emprego melhor. Então tem que estudar, tratar bem as pessoas, pra amanhã não estar na mesma que eu estou, comendo resto de comida de branco. [...] Não tenho inveja de roupa, dinheiro, agora das pessoas que sabem ler, sim.”*

5.5 Acesso às bibliotecas em Goiânia

Há cerca de 18 bibliotecas abertas ao público em Goiânia, como a Biblioteca Municipal Cora Coralina, na avenida 24 de Outubro e a Biblioteca Estadual Escritor Pio Vargas, na praça Cívica. A localização geográfica se mostra como o principal aspecto levado em conta pelas donas de casa do Jardim Goiás I na hora de escolher uma biblioteca, já que praticamente todas as bibliotecas estão localizadas em um raio de 2,5

km a partir da região onde moram. Oito das entrevistadas revelaram já ter ido a uma biblioteca. Apenas uma manifestou nunca ter ido, I.S..

Os trabalhos escolares foram o motivo mais alegado pelas donas de casa. Elas foram até a biblioteca para fazer seus próprios deveres – R., S. – ou para ajudar os filhos (W.). D. foi levada pelo patrão para conhecer uma biblioteca e I.N., movida pela curiosidade, foi algumas vezes.

A Biblioteca Marieta Telles Machado foi a mais citada entre as entrevistadas, E., W., R., I.N. e S. citam a biblioteca, localizada na Praça Universitária. Outra biblioteca citada mais de uma vez foi a Biblioteca Estadual Escritor Pio Vargas, situada na Praça Cívica, lembrada por E.G. e I.N.. A biblioteca do CEJA (Centro de Educação para Jovens e Adultos) e bibliotecas escolares foram citadas por E. e R., respectivamente.

5.6 As donas de casa do Jardim Goiás e as redes sociais

A internet e seus desdobramentos – as redes sociais e sistemas de comunicação eletrônicos – são vistos pelas donas de casa com desconfiança. Ao mesmo tempo em que, segundo F.C., “*esse progresso da tecnologia estragou muito a humanidade*”. A maioria das entrevistadas aderiu ao whatsapp, redes sociais ou alguma forma de pesquisa pelo computador, F.C. conclui sua fala: “*[a tecnologia] foi bom, mas também estragou.*”

Essa visão se encaixa com o que Santaella (2003) diz “Estes tomam a realidade como aquilo que pode ser experienciado imediatamente e alinham os computadores com os poluidores que são jogados no terreno da experiência pura, não mediatizada.” Para E., com a facilidade da internet, os jovens não precisam se esforçar pelo conhecimento, diferente de seu tempo em que, segundo ela, eram obrigados a ler e resolver problemas de matemática do início ao fim. S. concorda com E.: “*Coloca na internet e já sai tudo resumido*”. Estudiosa das redes sociais, Santaella tem uma visão diferente das mesmas.

Por que, então, chamar de letramento algo que não tem mais muito a ver com a lógica que é própria das letras? Não se trata aí de mera implicância de uma semioticista. Trata-se, isto sim, de reconhecer que estamos diante de um novo tipo de linguagem humana que é preciso ser encarada sem saudosismo, especialmente nos ambientes de escolaridade. (SANTAELLA, 2010).

Para Santaella (2010) as novas formas de comunicação surgidas com o advento da internet são legítimas. Ela mostra lacunas no sistema educacional, que não compreende ainda a extensão das mudanças provocadas pelo impacto da tecnologia.

Sistema esse que deveria adequar-se aos novos tempos, abrangendo as novas plataformas e direcionando seu uso.

As crianças e os jovens que estão nas escolas hoje apresentam um processamento mental bastante distinto daqueles que não tiveram acesso à hipermídia, o que é feito a qualquer tempo e em qualquer lugar, basta ter nas mãos um computador, tablet ou celular para navegar nas redes. A grande característica dessas redes é ser ao mesmo tempo um meio de informação e de entretenimento, ou seja, infotainment. Portanto, é o modelo escolar que tem de se reestruturar à luz desse novo meio e desses novos processos cognitivos. (SANTAELLA, 2010).

Na visão e experiência das donas de casa o uso dessas tecnologias não atinge o fim da educação, mas do entretenimento somente. O fácil acesso e os cada vez mais baixos custos popularizaram os novos suportes de leitura e, conseqüentemente, as redes sociais

[...] a era digital vem sendo também chamada de cultura do acesso, uma formação cultural está nos colocando não só no seio de uma revolução técnica, mas também de uma sublevação cultural cuja propensão é se alastrar tendo em vista que a tecnologia dos computadores tende a ficar cada vez mais barata. (SANTAELLA, 2003, p. 6).

.Apesar da desconfiança sobre a tecnologia, as entrevistadas aderiram em sua maioria à internet e ao Whatsapp, aplicativo de troca de mensagens eletrônicas, especificamente. S. e I.N. leem através da internet. E.G. desenvolveu suas habilidades de leitura usando o celular e o computador, e costuma ler textos religiosos nessas plataformas. F.C., admite que usa o celular para jogar, I.N., E., W., E S. usam o whatsapp. As mulheres do Jardim Goiás lidam, afinal, com a tecnologia como qualquer ferramenta, que tem lados bons e ruins.

6. MULHERES, HISTÓRIAS E LEITURAS

A entrevista realizada por meio do grupo focal, foi de muito aprendizado sobre a história de vida e de leitura dessas mulheres. Deparou-se com mulheres de passados sofridos. Mulheres que tinham muitos sonhos quando jovens, como crescer na vida, estudar, ajudar seus familiares. Porém todas enfrentaram muitas dificuldades financeiras e problemas familiares. Os desdobramentos da vida afastaram essas mulheres de seus sonhos.

Em seus relatos pode-se notar a evolução dos suportes para leitura, do livro ao computador. E a evolução nas políticas de acesso à leitura. Não havia tanta oferta de livros /bibliotecas, informação, eventos, como hoje. W. lembra da demora na espera de uma carta. I.S., por exemplo, mesmo morando em uma capital, tendo netos, nunca foi ao cinema nem ao teatro. Tem celular, lê todas as correspondências dos bancos, mas não conhece uma biblioteca.

O esforço de todas elas é notável. Como E. e I.N., buscando sempre estudar. Apesar de não ter uma faculdade, têm feito cursos, concursos, incentivado os filhos. S. é uma mulher batalhadora, consultora de produtos da Natura, uma área que a todo dia tem informações novas e está à frente da Associação de Mulheres e Adolescentes do Estado de Goiás, órgão que sempre está oferecendo cursos profissionalizantes, incentivando a inclusão digital e a inclusão profissional da mulher na sociedade.

Todas as entrevistadas, moradoras do Jardim Goiás I , têm uma história de garra e coragem. São mulheres que venceram inúmeras adversidades e, mesmo não tendo realizado seus sonhos, sempre trabalharam e se esforçaram por sua família. Muitas vezes abdicando de si.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi averiguar as práticas de leitura das donas de casa moradoras do Jardim Goiás I, essa análise abordou sobre a leitura e as práticas literárias inseridas nas histórias de vida das moradoras. Este estudo teve por objetivo comprovar se houve a presença de práticas de leitura nas histórias de vida das donas de casa residentes no Jardim Goiás I, e foi comprovado que sim, as moradoras possuem práticas de leitura em suas histórias.

Conheceu-se as memórias literárias dessas donas de casa, elas demonstraram práticas de leitura em sua história de vida. A partir da entrevista conduzida pela mediadora com 12 donas de casa do bairro, foi possível conhecer mais sobre a história de vida destas mulheres e suas experiências com a leitura. Foi constatado que as donas de casa entrevistadas possuem hábitos de leitura variados, e que a leitura é parte importante de suas vidas, de uma maneira ou de outra.

Dessa maneira, o objetivo geral deste trabalho – o de demonstrar as práticas de leitura realizadas pelas donas de casa do Jardim Goiás – foi atingido com sucesso. Com um grupo diverso de entrevistadas, com trajetórias e passados diferentes, constatou-se como a leitura faz parte da vida de todas, além de demonstrar as mais variadas maneiras em que as práticas de leitura se inserem em suas realidades distintas.

Os objetivos específicos da pesquisa – conhecer os tipos de leitura praticados pelas donas de casa, entender como elas têm acesso a esta leitura, o processo de concepção de suas práticas de leitura e demonstrar o impacto da leitura em suas vidas – também foram satisfeitos a partir das entrevistas realizadas com as donas de casa.

Apesar das trajetórias distintas, percebeu-se que a leitura da bíblia como um ponto marcante da vida das donas de casa, além de descobrir os mais variados meios pelos quais elas têm acesso a esta leitura, quais bibliotecas elas frequentam na cidade de Goiânia, especialmente na região do Jardim Goiás I. Ao ouvir as respostas das donas de casa, notou-se o significado da leitura para elas, suas concepções de leitura, e o quanto esta prática está presente em suas vidas.

Portanto, conclui-se que esta pesquisa satisfaz os objetivos e hipóteses propostos, além de ter rendido muitos frutos para o enriquecimento pessoal e acadêmico. Através das entrevistas, foi possível aprender mais sobre a trajetória de mulheres que, em maior ou menor grau, fazem parte de uma parcela da sociedade que poucos conhecem no

Jardim Goiás I, além de contribuir para desmistificar preconceitos acerca dos hábitos de leitura das donas de casa.

REFERÊNCIAS

BACKES, Dirce Stein, et al. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 25 de nov de 2016. [

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1990.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Unesp, 1999.

CHAUL, Nasr Fayad. Goiânia: A Capital do Sertão. **Revista UFG.** Goiânia, v. 6, n., p.100-110, jun. 2009. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/goiania.pdf>. Acesso em

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, n., p.28-37, 31 jul. 2007. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/52414_6138.PDF>. Acesso em: 23 ago. De 2016.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

_____. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

_____. **A revolução de 1930: história e historiografia.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

FERNÁNDEZ, I. Gretel M. Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou?. **Revista UFG**, Brasília, v. 11, p.135-144, dez. 2011. Disponível em:<http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/arquivos_pdf/artigos_leitura.pdf>. Acesso em: 03 de nov. de 2016.

GLAYDSON, José; SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva do Twitter. **Revista Temática**, São Paulo, v. 8, n. 8, p.1-7, ago. 2012. Mensal. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/23613/12973>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Revista Paidéia**, 2003,12(24), 149-16. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004>. Acesso em: 25 de nov. de 2016.

GOMES, Maria Elasir S. BARBOSA, Eduardo F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. **Revista do Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais**. Minas Gerais, 1999, v.01. Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2016.

JORDÃO, Haline Moura. **Intervenções urbanas em áreas de posse em Goiânia**. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial, Departamento de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-go, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/2813/1/PARTE_1_-_HALINE_MOURA_JORDAO.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

LOBO, Ariana. **A riqueza que falta em Goiânia: Dados revelam que no período de 1999 à 2014 o número de cidades com bibliotecas aumentou e com livrarias diminuiu**. 2015. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/cotidiano/2015/12/a-riqueza-que-falta-em-goiania.html>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção: Primeiros Passos). 74p.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MELO, Orlinda Maria de Fátima Carrijo. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. 2002. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas:, 2002.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa. **Histórias de leitura de professoras-leitoras como subsídio à formação continuada: memória em movimento**. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7420496-Historias-de-leitura-de-professoras-leitoras-como-subsidio-a-formacao-continuada-memoria-em-movimento.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro. **Jardim Goiás, o bairro de um dono**. 2009. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1184.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. **Parque Flamboyant: transformação da paisagem urbana em Goiânia/Goiás**. 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia e Produção Sustentável, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/14417176-Maria-aparecida-de-oliveira-parque-flamboyant-transformacao-da-paisagem-urbana-em-goiania-goias.html>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Famecos**, Porto Alegre, n. 22, p.23-32, dez. 2003. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229/2493>>. Acesso em: 03 de dez. de 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Lúcia Santaella: As novas linguagens e a educação**. Elaborada por Lilian Romão. Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>>. Acesso em: 03 de dez. de 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **O leitor ubíquo e suas consequências para a educação**. 2014. Disponível em: <http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2016.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

XAVIER, Ana Cristina Botelho Prince. **A condição das mulheres no contexto social contemporâneo**. 2012. 12 f. Tese (Doutorado) - Curso de Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literária, Universidade Federal de São João Del-rei, La Plata, 2012.

ANEXO

PROJETO: História das práticas de leitura de donas de casa do Jardim Goiás I

OBJETIVO GERAL: Conhecer as práticas de leitura realizadas pelas Donas de casa do Jardim Goiás I a partir da sua história de vida.

ROTEIRO NORTEADOR

Nome da entrevistada

Idade

Escolaridade

Profissão?

1 - História de sua vida

Casada?

Se sim, quantos anos de casada?

Quantos filhos ?

Cidade onde nasceu?

Senão não for de Goiânia, de onde veio? Porquê?

Onde estudou?

Como foi seu acesso a bens culturais?

Nas suas lembranças mais remotas conte-nos sobre?

Os fatos que marcaram sua vida (na sua infância, escola, universidade, na vida em geral).

2 – Falando de leitura

a. Na sua opinião: o que é leitura?

b. A função da leitura na sua vida?

c. O papel da leitura na sua vida/interferência?

3 – Experiências leitoras

a. Quais as experiências mais significativas com a leitura?

b. Como é o seu dia como leitora (rotina)?

4 – Livros que marcaram sua vida

a. Na infância

- b. Na adolescência/juventude
- c. Na vida adulta.

5 – Que tipo material que você lia e lê?

- a. Revista
- b. Telenovela
- c. Gibis
- d. Jornal
- e. livro

6 – Qual o gênero de livro que você lia/lê?

- a. romance
- b. auto ajuda
- c. ficção
- d. drama
- e. suspense

7 - Quem influenciou a leitura/quais mediadores?

- a. Avós
- b. Pais
- c. Irmãos
- d. Namorado/marido
- e. Filhos
- f. Amigos/professora

8 – O acesso ao material para leitura

- a. Biblioteca
- b. Escola
- c. Livros em casa
- d. Emprestado vizinho/amigo

9 – Hoje o que mais você lê? Por quê?